

O Conflito entre o que é Literatura e o que é Teologia na recepção de *O Código Da Vinci*.

Mestranda Elaine Cristina Reis (UFSC)

Resumo:

Na esteira do lançamento de O Código Da Vinci (OCDV), foram lançados, quase que concomitantemente mais de 20 livros não ficcionais, que o recepcionaram. Utilizando um corpus de 10 livros receptivos, escolhidos aleatoriamente para evitar um direcionamento tendencioso da pesquisa, esta comunicação levanta a hipótese de que eles, ao se aproximarem de OCDV, texto literário e de ficção, com intuito teológico, confundem o que é teologia e o que é literatura. Imersa nessa ótica, surgem algumas perguntas: há crítica literária sobre OCDV? Como podem ser classificados os livros que recepcionaram a referida narrativa: são de crítica jornalística, resenhas com finalidade crítica, manuais explicativos ou são apenas livros caça-níqueis? Para respondê-las, utilizaremos como referencial teóricos autores como Blume, Franken, Eagleton, Barthes e Piglia.

Palavras-chave: *O Código Da Vinci*, recepção, teologia, literatura, crítica

Introdução

*O Código Da Vinci*¹ levantou um motim contra a hipótese do casamento entre Jesus e Madalena. No seu diálogo com a Bíblia e com o Jesus bíblico, a principal acusação a Dan Brown é a afirmação contida na sua narrativa: “Todas as descrições de obras de arte, arquitetura, documentos e rituais secretos neste romance correspondem rigorosamente à realidade” (BROWN, 2004. p.9). Mesmo sendo uma obra ficcional, estes fatores se atrelam à “teorias da conspiração”² de tal modo, que despertam toda a polêmica em torno do livro, e servem de prefácio para as inúmeras e diversificadas opiniões que surgiram em torno de sua trama.

O romance se manteve durante seis meses entre os primeiros lugares na lista dos mais vendidos do *New York Times*; foi traduzido para mais de cinquenta línguas; vendeu milhões de cópias em todo o mundo; teve uma excelente campanha publicitária e um imenso sucesso mercadológico. Desde seu lançamento em 2003, vem abrindo espaço para muitas matérias jornalísticas (incluindo um especial produzido pela ABC – *Jesus, Mary and da Vinci*). E seu roteiro foi vendido para *Hollywood* que em 2006 lançou o filme *OCDV* com o título igual ao do livro.

Confirmando o sucesso, a narrativa inspirou muitos outros livros: uma edição especial ilustrada; o exemplar de um caderno de viagens incluindo um roteiro ilustrado; um livro sobre o filme - *Os Mistérios do Código da Vinci - As Verdades que o Filme Mostra*; uma biografia não autorizada de Dan Brown; e aproximadamente 20 livros, não ficcionais, que o recepcionaram.

¹Para o presente trabalho utilizaremos a tradução de Celina Cavalcante, impressa na cidade do Rio de Janeiro em 2004, edição da Sextante. E para a citação utilizaremos a partir daqui a sigla *OCDV* – todos os negritos são de nossa autoria.

²Teoria da conspiração é uma teoria que supõe que um grupo de conspiradores está envolvido num plano e suprimiu a maior parte das provas desse mesmo plano e do seu envolvimento nele. O plano pode ser qualquer coisa, desde a manipulação de governos, economias ou sistemas legais até à ocultação de informações científicas importantes ou assassinato. No caso de *OCDV*, o principal plano é ocultar um segredo milenar da Igreja Católica: Jesus e Maria Madalena foram casados e tiveram filhos. Para maiores informações vide http://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_da_conspira%C3%A7%C3%A3o.

A narrativa despertou tamanha polêmica em torno de sua trama, que muitas pessoas, ao entrarem na livraria para comprar o romance, também compram um ou mais desses mencionados livros que, em sua maioria, se oferecem como “decodificadores” de *OCDV*.

É impressionante como o sucesso de uma ficção causou o lançamento de muitos outros livros que surgiram a partir do primeiro ano de sua edição, com a promessa, e talvez ainda, o desejo, de separar fatos de ficção.

Este capítulo explora essa estrondosa onda de lançamentos, utilizando um *corpus* de 10 livros receptivos, escolhidos aleatoriamente para evitar um direcionamento tendencioso da pesquisa. Analisando esse corpus, levantamos a hipótese que, ao se aproximarem de *OCDV*, texto literário e de ficção, confundem o que é Teologia e o que é Literatura. Aventamos a possibilidade de demonstrar como esses livros se equivocaram na abordagem de *OCDV*. Imersa nessa ótica, surgem perguntas como: há crítica literária sobre *OCDV*? Como podem ser classificados os livros que recepcionaram a referida narrativa: são de crítica jornalística? Resenhas com finalidade crítica? Manuais explicativos? Ou são apenas livros caça-níqueis? Com o intuito de responder a essas indagações, utilizaremos como referencial teóricos autores como Blume, Franken, Eagleton, Barthes e Piglia.

1 Recepção³

Esta comunicação explora a altissonante onda de lançamentos de livros que surgiram após o lançamento da narrativa de Brown. São eles: *A Fraude do Código da Vinci*; *A verdade por trás de O Código Da Vinci*; *As Chaves do Código da Vinci*; *Decifrando o Código da Vinci - Os Fatos Por Trás da Ficção*; *Decodificando Da Vinci: os fatos por trás da ficção de O Código Da Vinci*; *Desmascarando o Código da Vinci*; *Os Segredos do Código*; *Quebrando o Código da Vinci*; *Revelando o Código da Vinci*; *Rough Guide - O Código da Vinci : História. Personagens. Lugares*;

Utilizando um *corpus* de 10 livros, avanta-se a possibilidade de demonstrar o conflito que existe entre o que é Literatura e o que é Teologia na abordagem receptiva do polêmico romance de Dan Brown. Desta forma pretendemos comprovar como esses livros se equivocaram na abordagem de *OCDV*.

Para apresentarmos as reações que eles expressaram a *OCDV*, dividimos tais livros em duas categorias: os moderados, que apresentam suas reservas e defesas ao romance com um tom ponderado e sem partidarismo exacerbado; e os radicais, que com discurso cristão se ofendem com *OCDV* e o atacam, o acusam, o condenam e freqüentemente o comparam com a Bíblia.

1.1 Os moderados

No livro *A verdade por trás de O Código da Vinci*⁴, Richard Abanes promete desvendar o que ele chama de bases turvas, para então desmascarar a aparente historicidade que o romance de Dan Brown assume: “O assunto é fato contra ficção. Verdade contra mentiras. Precisão contra imprecisão”. (ABANES, 2005. p.107).

Cada virada de página contesta *OCDV* com a frase que dá título ao livro. Nota-se a obsessão do autor pela verdade, que na sua voz, é ferida pelo romance de Brown. Epígrafes que ressaltam o amor à verdade iniciam, terminam e são distribuídas por todo o livro.

Richard Abanes trata Brown como um dos recentes propagadores e advogados da conspiração da linhagem sagrada e afirma que ele não é confiável. Entre as frases que mais lemos no livro estão: “*OCDV* falha”; “*OCDV* erra”; “as falsas idéias de *OCDV*”.

³O termo recepção é aqui utilizado para agrupar a imensa quantidade de livros lançados quase que simultaneamente ao *O Código Da Vinci*.

⁴ABANES, Richard. *A verdade por trás de O Código Da Vinci*: uma resposta desafiadora à ficção mais vendida. Trad. Thais M. S. da Silva Amadio. São Paulo: Celebris, 2005.

Para Abanes a principal fraqueza do romance é a falta de precisão em questões fundamentais como a apresentação dos fatos históricos e de crenças religiosas como o cristianismo e o gnosticismo, e a interpretação de obras de arte. Segundo o autor, Dan Brown insulta a obra e a vida de Leonardo da Vinci, que se estivesse vivo hoje: “sem dúvida, levantaria um enorme protesto contra a forma com a qual seu nome e obras têm sido usados impropriamente”. (ABANES, 2005. p.105).

Estando claro que *ODCV* pertence ao campo da literatura e dado sua classificação de romance, qualquer separação de fato contra ficção, verdade contra mentira, precisão contra imprecisão, é equivocada e não se justifica.

Através do livro *As chaves do Código Da Vinci: A descendência secreta de Jesus e outros mistérios*⁵, L. F. Bueno e M. F. Urresti intencionam investigar, minuciosamente e sem partidarismo, as teorias nas quais Dan Brown se baseia para escrever seu romance; oferecem “as chaves” para que o leitor faça a distinção entre verdade e especulações.

Os autores elogiam a maneira inteligente com que Brown soube dosar as informações. Além disso, analisam várias contradições bíblicas, confirmam muitas coincidências que sustentariam *OCDV* e questionam as histórias que ao longo dos séculos vem sendo contadas sobre Jesus Cristo. Para assegurar que o Jesus que conhecemos teve uma “biografia adaptada ao seu papel de messias”, afirmam:

Um ser que nasceu para sofrer com os pecados da humanidade e cuja existência pode ter sido um pouco diferente do que narram as Sagradas Escrituras. Evidentemente são especulações, mas há um ditado que diz que onde há fumaça, há fogo, e, neste caso, há muita fumaça...(BUENO & URRESTI, 2004. p.17)

O livro ainda expõe comentários sobre o romance, para demonstrar que ele despertou inflamadas polêmicas e sentimentos contraditórios: muitas críticas que tentam “desmentir” seus argumentos e poucos elogios.

Ainda que concordem que o romance é um livro de ficção que mexe com referências religiosas de milhares de pessoas no mundo, os autores se contradizem quando tendem a defender *OCDV* e afirmam que Dan Brown tem razão ao duvidar da história que o Novo Testamento nos conta.

Bueno e Urresti apropriam-se de *OCDV* como pretexto para fazer análise e indagações sobre as contradições que a Igreja tem apresentado à profissão de fé, por conta de dúvidas, vacilações e lacunas deixadas pela Bíblia. É assim que, mesmo sutilmente, tratam o romance de Brown, não apenas como ficção, mas como um livro que questiona e comprova que a Igreja mentiu e impôs um pensamento único sobre Jesus.

Em *Decifrando O Código Da Vinci: os fatos por trás da ficção*⁶, Simon Cox, separa e responde, literalmente de A a Z, o que há de verdadeiro e de ficção no romance. Longe de fazer apologia ou de condenar a narrativa, o autor se mantém imparcial ao longo de todo o livro.

Poderíamos, caracterizá-lo apenas como manual explicativo que cumpre o objetivo ao qual se propõe na introdução “Se você está em busca de um livro que condene Brown e o seu romance escolheu a literatura errada”. (COX, 2005. p.12). Não fosse a grande contradição: se é romance a distinção de “verdadeiro e fictício” é descabida.

No livro *Os Segredos do Código*⁷, Dan Burstein explica que se sentiu intelectualmente desafiado pelo *OCDV*; por qual motivo despertou tanto o interesse do público e porque é tão

⁵BUENO, Lorenzo & URRESTI, Mariano. *As chaves do Código Da Vinci: A descendência secreta de Jesus e outros mistérios*. Trad. Amilton Lovato e Monalisa Neves. São Paulo: Companhia dos Livros, 2004.

⁶COX, Simon. *Decifrando o Código Da Vinci: os fatos por trás da ficção*. Trad. Claudia Gerpe Duarte. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

⁷BURSTEIN, Dan. *Os Segredos do Código*. Trad. Carlos Irineu da costa, Cláudio Figueiredo e Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

sintonizado com o espírito contemporâneo. Desejou saber o que era fato e o que era ficção na narrativa.

Seu livro é apresentado como um guia explicativo sobre as questões levantadas pelo romance e compila mais de sessenta artigos extraídos de livros, *sites*, ensaios e entrevistas sobre os temas abordados em *OCDV*. Estes textos são variados: respondem a muitas perguntas a respeito do livro, apresentam erros, falhas e detalhes, elogios, etc.

Para Burstein está claro que a obra é um romance, mas, ele expõe que, as idéias por trás de seus temas lhe parecem válidas e bem fundamentadas. E a respeito da questão “fato *versus* ficção” conclui:

Seu máximo valor se expressa quando lido como livros de idéias e metáforas – um caderno de notas ao estilo de Leonardo, que ajuda o leitor a refletir sobre sua própria filosofia, sua cosmologia, suas crenças religiosas e suas críticas. (BURSTEIN, 2004. p.24).

O autor não se compromete tanto, porque apresenta textos diversificados e de vários autores, porém, ao almejar conhecer o que é fato e o que é ficção na narrativa e exibir textos com a intenção de debater este tema, acaba se equivocando tanto quanto aos outros livros a que já nos referimos.

Em *Revelando o Código da Vinci*⁸, Martin Lunn garante que o livro foi feito para leitores que buscam a verdade, esteja ela onde estiver. Para isso o autor promete mostrar a verdade por trás da pesquisa de Brown, separando a realidade da ficção.

Ao fazer a separação proposta, Lunn não toma partido a favor ou contra *OCDV*, não faz ataques ao romance e utiliza tom bastante sutil e ponderado: “Dan Brown enfatiza com razão”; “ao contrário do que Dan Brown escreve”; “o autor de *O Código da Vinci* exercita sua licença poética e cria um objeto completamente imaginário”.

Por um lado o autor se abstém de dar qualquer opinião comprometedora a respeito do romance, se quer apresenta uma conclusão de seu livro. Em contrapartida Lunn forma opinião a respeito de aspectos da ficção de Brown, como por exemplo, quando ele concorda e explica que Jesus tenha sido casado.

1.2 Os radicais

No livro *A fraude do Código Da Vinci – toda a verdade sobre a ficção do momento*⁹, o teólogo Erwin Lutzer propõe-se a alertar o leitor sobre as “inverdades” afirmadas por Dan Brown, a revelar a verdadeira história que existe no romance e ainda defende a historicidade do cristianismo e da pessoa de Jesus.

Nota-se na palavra “fraude” expressa no título do livro, a tendência em confundir-se relato factual e ficção. Isso se comprova logo nas linhas iniciais, quando Lutzer começa analisando *OCDV* procurando dar “respostas dignas” a questões sobre a vida de Jesus, sobre o gnosticismo, e sobre o Novo Testamento e diz: “creio que sua fé será não apenas desafiada, mas fortalecida”. (LUTZER, 2004. p.21).

Na medida em que as páginas avançam, o teólogo é mais enfático ao afirmar que o romance comete as mesmas heresias do gnosticismo, que é preocupante, obscuro e que ataca a fé – cristã, a Igreja e Jesus Cristo.

Entretanto, são nos últimos capítulos que o autor esquece a análise a que se propunha e através de um discurso dogmático e teológico cristão, exalta o Cristianismo e propõe um encontro com Deus. Ele desafia o leitor incrédulo a provar que a Bíblia mente.

⁸LUNN, Martin. *Revelando o Código Da Vinci*. Trad. Milena Soares Carvalho. São Paulo: Madras, 2005.

⁹LUTZER, Erwin. *A fraude do Código Da Vinci: toda a verdade sobre a ficção do momento*. Trad. James Monteiro dos Reis. São Paulo: Vida, 2004.

Desconsiderando totalmente que *OCDV* é um livro de ficção, Lutzer o trata como um ensinamento que concorre com o ensinamento religioso cristão, propõe que devemos confiar no Jesus da Bíblia e nas palavras de Deus, não no Jesus de *OCDV* e nas palavras de Brown.

Com seu discurso cristão e ameaçador, o autor trata Dan Brown quase como o “tentador” encarnado, tentando desvirtuar os fiéis dos caminhos do cristianismo. E prega sua palavra, advertindo o leitor para que ele não seja um pecador, para que não escolha a mentira, não creia no *OCDV* e sim na Bíblia.

Também por esse viés, em *Decodificando Da Vinci: os fatos por trás da ficção de O Código Da Vinci*¹⁰, Amy Welborn diz ter escrito seu livro para ajudar os leitores a examinar as questões interessantes de *OCDV*. Entretanto ela é pouco tolerante com a ficção de Brown e não o considera como fonte digna de crédito, já que para ela, as afirmações são “bizarras, estranhas e cheias de falhas”. (WELBORN, 2004. p.21). Nota-se aqui o equívoco de Welborn, pois sendo ficção, o livro não tem que ser digno de crédito.

A autora pretende cobrir parte da atividade teológica que diz respeito ao cânone e também à natureza humana e divina de Jesus, com o propósito de explorar a verdade por trás de *OCDV*. Igualmente, é intenção da autora, esclarecer e corrigir os erros surpreendentes relacionados à religião, história e arte, e também rever ensinamentos cristãos desenvolvendo a compreensão das raízes históricas da autenticidade da fé cristã.

Nota-se a pretensão da autora e também a sua dificuldade de síntese. Ela parece desconsiderar que é extremamente impossível, num livro de 136 páginas, dar conta de escrever e esclarecer sobre todos esses tópicos que ela pretende abranger.

Welborn alerta os leitores sobre os evidentes erros de Brown e por esta razão diz que o livro deve ser lido apenas como “pura ficção”. Ainda sinaliza o perigo na quantidade assustadora de leitores que estão aceitando as teorias de Brown como realidade.

No primeiro capítulo a autora dá indícios de que o romance tende a ser concorrente da Bíblia, e a partir daí, apregoa todo o tempo que devemos dar mais crédito ao Novo Testamento do que às alegações de *OCDV*. Ela convida o leitor, ao invés de levar a sério as afirmações de Brown, a buscar a verdade no Novo Testamento. (WELBORN, 2004. p.25).

No segundo capítulo, considerando a afirmação de Brown de que os primeiros cristãos não viam Jesus como divino, ela atinge seu limite em tratar o romance com um tom “ponderado”, passando então a “desmenti-lo”, usando para a narrativa frases e adjetivos como: “sua visão histórica é leviana”; “nada de que Brown diz faz sentido”; “é bobagem”; “não é verdade”; etc.

É no epílogo que ela reafirma a fé em Jesus e promove o encontro do leitor com Ele. Sua conclusão impõe que não devemos deixar que Dan Brown nos diga quem é Jesus e recomenda:

Está curioso com relação a Jesus? A verdade está tão perto quanto o livro que está na sua estante. E não, não é *O Código da Vinci*. Não deixe que um romancista que está na moda instrua você nos caminhos da fé. Volte para o começo e dirija-se à fonte: pegue a Bíblia. Você pode ficar surpreso com o que vai encontrar. (WELBORN, 2004. p.136)

Welborn termina seu livro com um sotaque religioso, catequizador, com tom mais oracular, parenético do que argumentativo, faz com que seu texto esteja mais próximo de sermão do que propriamente crítica literária.

Os autores de *Desmascarando O Código Da Vinci*¹¹ separam os capítulos do livro com o “Arco Divino” que antes do romance de Brown estava em posição correta e com *OCDV*, capítulo a capítulo, vai sendo apagado.

O livro se apresenta como a tão esperada resposta para as perguntas que possam estar

¹⁰WELBORN, Amy. *Decodificando Da Vinci: os fatos por trás da ficção de O Código Da Vinci*. Trad. Rosane Albert. São Paulo: Cultrix, 2004.

¹¹GARLOW, J & JONES, P. *Desmascarando o Código da Vinci*. Curitiba: A. D. Santos Editora LTDA, 2004.

incomodando os leitores e trás a proposta de desmascarar a “motivação oculta” de Brown, que é uma poderosa forma de propaganda religiosa: a espiritualidade da Nova Era.

Na voz dos autores Garlow e Jones, *OCDV* é um exemplo de paganismo clássico e Dan Brown é um dos novos influenciadores que minam o cristianismo bíblico e que querem reescrever a história, compromissados apenas com “conjecturas religiosas neopagãs”.

Com o propósito cristão e discursos de fé, afirmam que Brown manipula a realidade e que por isso seu código é muito perigoso para a alma. São muitas as frases como: “O que *O Código Da Vinci* tem a ver com a sua fé?”; “Brown barateia a experiência exuberante que Deus planejou para nós”; “existe uma guerra espiritual pela alma humana”.

Durante todo o livro é feita uma comparação entre *OCDV* e a Bíblia. Já nas primeiras páginas há a sugestão de que devemos fazer a leitura do livro acompanhados de um exemplar de *OCDV* e de uma Bíblia. Está claro que o leitor está diante de uma escolha. A opção que deve ser tomada é óbvia, pois escolher *OCDV* é servir ao diabo:

Depois de sua conversão ao cristianismo, Bob Dylan cantou em outra música: Você terá de servir alguém, (...) pode ser o diabo ou pode ser o Senhor”. *O Código Da Vinci* e o livro que você está lendo agora mostram a escolha que cada pessoa tem de fazer. É a mesma escolha que Elias colocou diante do povo de Deus: “Até quando vocês vão oscilar para um lado e para o outro? Se o SENHOR é Deus, sigam-no”(1Reis 18.21). (GARLOW & JONES, 2004. p. 218)

Os autores almejam separar fatos de ficção para “desmascarar” *OCDV*. No entanto se contradizem ao criarem um novo gênero para o romance “O livro de Brown não é nem fato nem ficção. É uma fa-cção – isto é, uma narrativa astuta que mistura fatos restritos com algumas afirmações grosseiramente exageradas”. (GARLOW & JONES, 2004. p. 42).

Darrell L. Bock, autor de *Quebrando O Código Da Vinci: respostas às perguntas que todos estão fazendo*¹², considera preocupante o fato de Dan Brown afirmar que alguns fatos correspondem à realidade. Por este motivo, ele considera *OCDV* um livro de ficção que é “quase não – ficção”, ou uma quase ficção. Para ele, o romance estaria implantado num gênero próprio, por apresentar: “confusa categoria de ficção histórica, onde a idéia é a de que, apesar de ser um romance, **a história é um fato**”. (BOCK, 2004. p.22).

A partir de oito capítulos, Bock intenciona desmascarar os fatos apresentados pela narrativa, ou melhor, “quebrar” os códigos do livro e diz que uma das razões de ter escrito o livro é “trazer à superfície o código por trás de *O Código Da Vinci*”.(BOCK, 2004. p.25).

Do primeiro ao quinto capítulo, o autor “desmente”, uma a uma, as “falsas afirmações” do romance, alegando que Brown mergulhou fundo na ficção, e também na má pesquisa histórica.

As declarações de Bock são bastante contraditórias, pois, como ele mesmo afirma, o livro é uma ficção, e sendo assim, não existem falsas afirmações, tampouco má pesquisa histórica.

Para instituir o argumento central de seu livro, Bock assegura que Dan Brown seleciona os pedaços que mais interessam do gnosticismo e ignora todo o resto. É a partir do capítulo seis que se institui sua principal tese: Dan Brown advoga como partidário da teoria da Nova Escola, cuja perspectiva é de que houve uma distorção histórica no início do Cristianismo. *OCDV* intenciona destruir a “história mestra”, ou seja, a história definitiva de determinado assunto, apresentada pelos líderes da Igreja. Para o autor *O Código Da Vinci*:

Ao quebrar *O Código da Vinci*, descobrimos que há muito mais acontecendo aqui do que a simples criação de um romance de ficção. Existe uma revisão do que foi e é o cristianismo. Trata-se de uma realidade virtual. (BOCK, 2004. p.162)

¹²BOCK, Darrell L. *Quebrando o Código Da Vinci: respostas às perguntas que todos estão fazendo*. Trad. Eduardo Rado. Osasco: Novo Século, 2004.

Já no capítulo sete, ainda que afirme que o livro deve ser apreciado como ficção e de entretenimento, o autor parece esquecer do que diz quando classifica o romance de apelativo, negligente e que suas informações são irrelevantes. Ao concluir seu livro, quebra *OCDV* e institui o código de Jesus, que segundo ele, é o verdadeiro código e “É algo em que vale a pena acreditar”. (BOCK, 2004, p.182).

Nessa mesma linha de raciocínio, em *Rough Guide - O Código da Vinci: História – personagens e lugares*¹³, seus autores discutem as principais questões da ficção de Brown, no entanto, oferecem seu livro como guia de viagem para os cenários que o romance apresenta. Ainda considerando *OCDV* como ficção, Michael e Verônica levantam as seguintes perguntas: Em que medida a mensagem da narrativa é verdadeira? Será que o livro se julga mais que ficção?

O fato de Brown garantir a seus leitores que suas pesquisas o levou a acreditar nas verdades dos acontecimentos que narra, e as alegações do romance misturarem *thriller*, história e teologia, segundo os autores, faz com que muitos leitores fiquem em dúvida entre o que é ficção e o que é realidade.

No decorrer das páginas os autores pretendem desvendar “a verdade histórica segundo Dan Brown”, desmentindo o autor e empregando termos como: “a mentira é de Dan Brown”, “Dan Brown abusa gravemente dos evangelhos gnósticos”, “uma salada de bobagens históricas”, etc.

Michael e Verônica entram em contradição no momento em que, mesmo considerando o livro ficção, levantam perguntas a respeito da veracidade da mensagem da narrativa. Além disso, talvez não sejam os leitores que ficam em dúvida sobre este aspecto, mas os pretensos críticos.

Eles também contestam as pressuposições de Brown, alegando que ele erra rotineiramente no decorrer de todo o romance, e exibem os fatos “de modo correto”, fazendo com que alguns episódios do romance caiam por terra.

2 Crítica

Desde seu lançamento e conseqüentemente de seu bombástico sucesso de vendas, a narrativa em questão, é alvo constante de pareceres desfavoráveis, vindos destes livros, e ao que parece, não foi aprovado, uma vez que, desconsideram que *OCDV* deve ser lido pelo que ele é: uma obra de ficção.

Para Ricardo Piglia¹⁴ não existe um lugar próprio para ficção, visto que tudo pode ser fictício. A própria realidade está tecida de ficções. Piglia assegura que embora a ficção trabalhe com a verdade, ela constrói um discurso que não é, e não pretende ser verdadeiro nem falso. É nesse ponto intermediário, duvidoso, onde se cruzam verdadeiro e falso que está todo o efeito, e a própria definição da ficção. A partir dessa assertiva, podemos considerar que *OCDV* está situado nesse ponto intermediário, porque mesmo que algumas afirmações pareçam camuflar a natureza ficcional do livro, a ficção se anuncia. Ainda quando disfarçada, ela adverte que é disfarce.

A afirmação de que as descrições do romance correspondem à realidade, de certa forma dão credibilidade, mas para isso o leitor tem de levar a sério o que está lendo, só então poderá ter suas convicções abaladas por algo que é literatura de entretenimento, ficção.

A outra opção é que o leitor entre no jogo e entenda que um dos recursos de Dan Brown é brincar, jogar com a história, e desse modo, se esforça em apresentar tudo da maneira mais realista, ou melhor, mais verossímil possível. Brown ainda tem um forte argumento, antes mesmo desta declaração, lemos na contracapa de *OCDV* a classificação: **romance, ficção**.

¹³HAAG, Michael & HAAG, Verônica. *O Código Da Vinci – História – personagens e lugares*. São Paulo: Publifolha, 2004.

¹⁴PIGLIA, Ricardo. *Crítica y Ficción*. Cuaderno de extensión Universitaria, n. 9, serie Ensayo, Universidad Nacional del Litoral, Argentina, 1986.

O *corpus* analisado dá por suposto que Brown quer denunciar algo ou alguém, além de esquecerem que, se é ficção, o livro não erra, não mente, não mascara, não doutrina. Isso demonstra como esses pretensos críticos lêem de maneira confusa os textos que resenham.

A pretensão crítica nos livros que receberam *OCDV* talvez se estabeleça, porque, de forma sintética, quando se fala em crítica, das reações de críticos a livros, a tendência é pensar naquilo que jornalistas ou quaisquer outras pessoas que escrevem ensaios, artigos, resenhas, publicam na mídia especializada, discutindo, recriminando, censurando ou elogiando.

Etimologicamente a palavra *crítica* origina-se do grego *krinein*, que significa separar, discernir, quebrar e de algum modo também influenciou na formação da palavra crise, ou seja, crítica é colocar algo em crise, colocar a obra em crise. Entretanto, assim como cada época tem a sua concepção de literatura, também a tem de crítica literária. Há mudanças inclusive no papel do crítico.

No livro *La crítica literaria del siglo XX: 50 modelos y su aplicación*¹⁵, Jaime Blume, Clemes Franken, passam pelas escolas e autorias mais representativas do século XX, analisando as diferentes correntes que disputam o direito de dizer suas verdades e buscando demonstrar os princípios teóricos de cada uma delas, os métodos críticos derivados desses princípios, expondo exercícios de aplicação prática para ilustrar cada teoria apresentada.

Ao falarem sobre a função da crítica os autores explicam que seus principais compromissos com o texto literário são: “*captar* los distintos elementos que conforman; *comprender* lo que dichos elementos significan al interior del texto; *valorar* axiológicamente la obra como um todo”.¹⁶

Terry Eagleton, em seu livro *A função da crítica*¹⁷, em lugar de inventar uma nova função para a crítica, recorda que a função do crítico contemporâneo é o papel tradicional, ou seja, seu papel crucial é redescobrir de dentro das academias - lugar de sua legitimidade, seu centro vital - uma das suas funções tradicionais: quando ela não podia ser desvinculada da instituição da esfera pública¹⁸, e dialogava com a sociedade, com o leitor comum.

O autor levanta a questão de que a crítica atual perdeu toda a relevância social. “Ou faz parte do ramo de relações públicas da indústria literária, ou é uma questão interna as academias”. Eagleton ressalta que a crítica está em crise, e ela ainda existe, porque ou essa crise ainda não foi registrada com suficiente profundidade ou está sendo ignorada.

Ao falarmos da função da crítica, não temos a intenção de cobrir o seu infinito campo e sim proporcionar alguns caminhos que nos levem a refletir que, se a própria crítica está em crise e tenta validar-se a todo custo, é difícil definir se há crítica literária sobre *OCDV* e classificar os livros que receberam a referida narrativa.

Ainda segundo Eagleton, um crítico só pode escrever com segurança, enquanto a instituição crítica estiver acima de questionamentos. A partir daí surgem perguntas como: Qual o critério que o *corpus* analisado utiliza ao pretender criticar *OCDV*? Qual é o valor, a referência utilizada? É o critério do vale tudo?

Para Roland Barthes, em *Ensaio Críticos*¹⁹, a crítica ocupa um lugar intermediário entre a leitura e a ciência. Enquanto a leitura deseja a obra, a crítica deseja à sua linguagem, sua escritura; enquanto a leitura é imediata, a crítica é mediatizada por uma linguagem intermediária, que é a escritura do crítico. A crítica é discurso sobre um discurso, uma metalinguagem, cuja tarefa é

¹⁵BLUME, Jaime, FRANKEN, Clemens. *La crítica literaria del siglo XX: 50 modelos y su aplicación*. Santiago: Ediciones Universidad Católica, 2006.

¹⁶Ibid, p. 13 e 14.

¹⁷EAGLETON, Terry. *A função da Crítica*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

¹⁸Eagleton utiliza como conceito-chave de seu livro, o conceito de “esfera pública” burguesa, desenvolvido por Jürgen Habermas e que “abrange todo um domínio de instituições sociais – clubes, jornais, cafés, periódicos – nos quais os indivíduos se reúnem para o livre e equitativo intercâmbio de um discurso racional, consolidando-se, assim, em um corpo relativamente coeso, cuja deliberações podem assumir a forma de uma poderosa força política”.

¹⁹BARTHES, Roland. *Ensaio Críticos*. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1982. Sobre conceito de crítica.

descobrir validades e não verdades. Enquanto o objeto da ciência da literatura é a pluralidade dos sentidos da obra, ou seja, o sentido vazio que suporta todos os seus sentidos, a crítica literária dá sentido particular à obra. Enquanto a ciência trata dos sentidos, a crítica os produz, os duplica. Não o sentido da obra, mas o sentido daquilo que o crítico diz de tal obra, um sentido que se dá através da diferença e não por meio da repetição.

Ao escrever seu texto na década de 60, Barthes afirma que nos últimos anos a crítica pode ter caído no vazio, na tagarelice, na repetição daquilo que o texto já diz. Uma crítica feita somente de julgamento e que por esta razão não tem função na sociedade. No embate ao que é chamado de “velha crítica”, o escritor francês propõe uma nova crítica, distanciada de concepções políticas e de sentimentos de valor; nela impera uma semiose infinita, em que a proposta é fazer análise e não interpretação, e uma análise sempre circunscrita dentro do texto, numa correspondência sempre textual.

Segundo Barthes a velha crítica não contradiz o que vem da tradição, da opinião corrente, onde objetividade, gosto e clareza são necessárias ao se falar de um livro, levando esta fala a cair numa fala nula: tagarelice ou silêncio; existindo assim regras que ditam um verossímil crítico²⁰. O termo “verossímil crítico” acaba por contradizer a “verdade” buscada pela velha crítica e reafirma o pensamento de Barthes de que o trabalho da crítica não é encontrar “verdades”, mas apenas “validades”, o que corresponderia a uma verdade da linguagem, de uma linguagem possível, uma semiose.

Conclusão

Evidencia-se que os livros aqui analisados têm interpretado mal *OCDV* sob quase todos os pontos de vista. Os moderados, mais condescendentes, mas sem deixar de confrontar fato *versus* ficção, verdade *versus* mentiras, precisão *versus* imprecisão; os radicais, compromissados com suas convicções religiosas, atacam, excomungam *OCDV* e seu autor com discurso dogmático, teológico-cristão, convidam, ou melhor, apelam à espiritualidade do leitor, colocando-o diante de uma escolha: a verdade, o bem, o fato, ou seja a Bíblia; a encarnação do mal, a mentira, a “fa-cção”, ou seja, *OCDV*.

OCDV foi intitulado pela maioria destes livros receptivos, de romance mentiroso por conter fatos, informações sobre documentos, obras de arte, sobre a Igreja Católica que não condizem com a verdade do mundo real. Embora a principal acusação seja relacionada à apresentação de muitos episódios e afirmações que dão a aparência de precisão factual, é provável que o incômodo do romance esteja centrado no fato de considerarem que Dan Brown, ainda em meio a construções meramente ficcionais, traz à tona verdades que põem em xeque o celibato de Jesus e a própria tradição do cristianismo.

Observa-se que há uma pretensão crítica nos livros que recepcionaram *OCDV*. Porém não há crítica. Pelo menos não a semiológica de uma análise inscrita no texto, numa correspondência sempre textual, problemas sempre de literatura, mas a pretensão da crítica historicista, tagarela, que repete aquilo que o texto já diz, a crítica do vale tudo, crítica que se propõe à interpretação, a relacionar verdade e mentira, a Bíblia e *OCDV*, Deus e Brown, Teologia e Literatura.

Na própria etimologia da palavra e no sentido barthesiano: crítica é pôr em crise, e não julgar. As duas categorias analisadas, com pretensão crítica, o que mais fazem é julgar, não buscam validades, pelo contrário, se apresentam obcecadas pela verdade, segundo eles, ferida pelo romance. Tanto os moderados quanto os radicais, confirmam a hipótese desta pesquisa de que os livros receptivos, confundem o que é Teologia e Literatura em *OCDV*. Essa avaliação subjetiva, não apresenta descrição de aspectos objetivos que dêem sustentação a seus argumentos. Eles apropriam-se de *OCDV* sob pretexto de explicar, decodificar, desmascarar, advertir, dar autos-de-fé, quebrar o

²⁰Segundo Aristóteles, o verossímil crítico corresponde ao que o público acredita possível e que pode ser bem diferente do real histórico ou do possível científico.

romance, querem a todo custo expor Dan Brown ao descrédito. De forma amadorística, a maioria deles, analisa fato e ficção em pé de igualdade e refletem apenas uma opinião, um gosto pessoal, uma convicção religiosa, ou o desejo de na esteira de seu sucesso, ter um lucro sórdido, quando dizem qualquer coisa para conquistar sua fatia no mercado.

Referências Bibliográficas

- ABANES, Richard. *A verdade por trás de O Código Da Vinci*: uma resposta desafiadora à ficção mais vendida. Trad. Thais M. S. da Silva Amadio. São Paulo: Celebris, 2005. *A verdade por trás de O Código Da Vinci*. Rideel-Elebris, 2005.
- BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2000.
- _____. *Ensaaios Críticos*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1982.
- BLUME, Jaime, FRANKEN, Clemens. *La crítica literaria del siglo XX: 50 modelos y su aplicación*. Santiago: Ediciones Universidad Católica, 2006.
- BOCK, Darrell L. *Quebrando o Código Da Vinci: respostas às perguntas que todos estão fazendo*. Trad. Eduardo Rado. Osasco: Novo Século, 2004.
- BROWN, Dan. *O código Da Vinci*. Trad. Celina Cavalcante. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- BUENO, Lorenzo & URRESTI, Mariano. *As chaves do Código Da Vinci: A descendência secreta de Jesus e outros mistérios*. Trad. Amilton Lovato e Monalisa Neves. São Paulo: Companhia dos Livros, 2004.
- BURSTEIN, Dan. *Os Segredos do Código*. Trad. Carlos Irineu da Costa, Cláudio Figueiredo e Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- COX, Simon. *Decifrando o Código Da Vinci: os fatos por trás da ficção*. Trad. Claudia Gerpe Duarte. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- EAGLETON, Terry. *A função da Crítica*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- _____. *Teoria da Literatura: Uma Introdução*. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- GARLOW, J & JONES, P. *Desmascarando o Código da Vinci*. Curitiba: A. D. Santos Editora LTDA, 2004.
- HAAG, Michael & HAAG, Verônica. *O Código Da Vinci – História – personagens e lugares*. São Paulo: Publifolha, 2004.
- LUNN, Martin. *Revelando o Código Da Vinci*. Trad. Milena Soares Carvalho. São Paulo: Madras, 2005.
- LUTZER, Erwin. *A fraude do Código Da Vinci: toda a verdade sobre a ficção do momento*. Trad. James Monteiro dos Reis. São Paulo: Vida, 2004.
- PIGLIA, Ricardo. *Crítica y Ficción*. Cuaderno de extensión Universitaria, n. 9, serie Ensayo, Universidad Nacional del Litoral, Argentina, 1986.
- WELBORN, Amy. *Decodificando Da Vinci: os fatos por trás da ficção de O Código Da Vinci*. Trad. Rosane Albert. São Paulo: Cultrix, 2004.